

# Apoio da Facepe às pesquisas aplicadas estimula desenvolvimento da agricultura no Interior de Pernambuco

As políticas públicas de interiorização da Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco podem ser percebidas facilmente por meio de ações das universidades e centros de pesquisa instalados nas mais diversas regiões do estado. Ao longo das últimas décadas, a Facepe vem firmando inúmeras parcerias com essas instituições e uma delas é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Essa relação vem se intensificando nos últimos 15 anos por meio de projetos que contemplam Auxílios à Pesquisa e bolsas de apoio técnico e de programas institucionais de iniciação científica (Pibic), de mestrado, de doutorado e pós-doutorado. Em grande medida, os recursos da Fundação têm sido orientados para as regiões com reconhecidos Arranjos Produtivos Locais (APLs).

Um dos APLs mais notórios de Pernambuco é a da fruticultura irrigada de Petrolina, no Sertão, onde a Embrapa Semiárido tem desenvolvido vários estudos para otimizar a produção agrícola da região. A Revista Inovação e Desenvolvimento conversou com o pesquisador Nataniel Franklin de Melo, que há 26 anos trabalha na Embrapa. “Graças aos recursos da Facepe, temos conseguido desenvolver ativos

tecnológicos e colaborar na formação de pessoas qualificadas em Ciência, Tecnologia e Inovação na agricultura”, diz ele que atuou na Câmara de Assessoramento das Ciências Agrárias e Ciências Biológicas da Fundação.

Ele atua numa região que é responsável por 42% de todas as frutas exportadas pelo Brasil. No caso de uva e manga, esse percentual sobe para impressionantes 95%. Isso quer dizer que quase a totalidade dessas duas frutas exportadas pelo país sai de plantios que margeiam o Rio São Francisco. Este salto produtivo registrado nos últimos anos não se dá pela mera irrigação. Tem muito investimento em Ciência, Tecnologia e Inovação no campo.

“As novas técnicas de conservação pós-colheita permitem que as uvas tenham durabilidade de 40 a 45 dias e as mangas de até 25 dias. Isso permite exportar para mercados como Estados Unidos, União Europeia, Japão e China. São pesquisas que contam com o apoio da Facepe”, ressalta Nataniel.

Ele explica ainda que uma dessas pesquisas resultou no controle da indução da floração em mangueira, permitindo a produção de mangas em épocas de

janela de mercado com melhores preços, devido a falta do produto em outros países produtores, como, por exemplo, México e Peru. A produção de manga fora de época permite ganhos extras de até R\$ 1,00 por quilo da fruta. Nesse caso, considerando que a produtividade média anual de um mangueiral estável é de aproximadamente 25 mil quilos por hectare, o produtor fatura R\$ 25 mil reais a mais por cada hectare com o emprego de apenas uma tecnologia. “Agora, levando em consideração que a região cultiva 22 mil hectares de manga, o impacto do uso dessa tecnologia representa um ganho anual potencial de R\$ 550 milhões de reais, o que paga muitas vezes o investimento feito em ciência e tecnologia”, afirma Nataniel, destacando a participação da iniciativa privada no apoio aos projetos de pesquisa, o que faz com que “o setor funcione muito bem.”

Essa sinergia entre poder público, academia e iniciativa privada tem rendido ótimos frutos também no APL da viticultura. As vinícolas de Petrolina e região são as únicas do planeta a produzirem mais de uma safra por ano, devido às condições edafoclimáticas do semiárido brasileiro. “Os plantios e manejo dos vinhedos em datas alternadas permitem produzir uvas para vinificação de vinho o ano inteiro. São safras a cada 100, 120 dias, o que representa 2,5 safras por ano. Um caso único no mundo! O apoio da Facepe aos projetos de melhoramento genético, cultivo em campo, vinificação, montagem de laboratórios, treinamento para produtores e estudantes em parceria com a Embrapa tem sido fundamental”.

Ainda de acordo com Nataniel, este know-how de Petrolina está sendo levado para Garanhuns, no Agreste, onde espera-se que o clima serrano ajude a produzir as primeiras garrafas comerciais nos próximos anos, “isso sem contar com os ganhos do enoturismo”.

Mas nem só de uva e manga vivem os avanços em CT&I na Agricultura. O mercado interno também vem se beneficiando das pesquisas aplicadas aos produtos consumidos localmente, como a banana, acerola, maracujá e goiaba. De acordo com Nataniel, uma das maiores conquistas vem do controle de pragas. “Graças às bolsas e auxílios da Facepe em parceria com a Embrapa, conseguimos sucesso em controlar



o nematóide, um verme que infecta raízes e mata as goiabeiras”, explica o pesquisador.

A diversificação é apontada pelo estudioso como sendo um caminho promissor e necessário para o desenvolvimento agrícola de Pernambuco. Na região de Petrolina esse impulsionamento passa pelas novas técnicas que permitem o cultivo de frutas até então tidas como de exclusividade de localidades frias. Maçã, caqui e pera despontam como as novas joias do tesouro. “A pera tem gerado os melhores resultados, inclusive no aumento da geração de empregos no setor”.

Pouco mais ao norte dali, no Sertão do Araripe, os investimentos em CT&I também estão fazendo a diferença na produtividade da maior reserva de gipsita do Brasil. Parte dos fornos que antes dependia da lenha gerada pela caatinga nativa agora é movida por outro combustível vegetal. Uma descoberta fruto de muita pesquisa. “Desenvolvemos em parceria com a UFRPE e IPA alternativas para as empresas que exploram o gesso. Elas agora usam lenha de culturas de rápido crescimento florestal a exemplo do eucalipto”, conta Nataniel. Ainda segundo ele, as

pesquisas na caatinga têm também contribuído com insumos para a indústria farmacêutica. “Há comprovações de que alguns óleos essenciais de plantas da caatinga apresentam princípios ativos eficientes no tratamento de câncer”.

A Facepe ainda apoia iniciativas voltadas para a agricultura de sequeiro como os projetos de dessalinizadores de água de poço, como também a agricultura bioessalina, que beneficiam as culturas de milho, feijão, palma e maniçoba, além da alimentação animal de ovinos, caprinos e bovinos. Esta última cultura impulsiona a bacia leiteira do Agreste formada, em sua maioria, por municípios de Águas Belas, Bom Conselho, Buíque, Caetés, Capoeiras, Garanhuns, Iati, Itaíba, Lajedo, Paratama, Pedra, Saloá, Tupanatinga, Venturosa, Alagoinha, Altinho, Belo Jardim, Cachoeirinha, Ibiarajuba, Pesqueira, Poção, Sanharó, São Bento do Una, São Caetano, Tacaimbó Arcoverde e Manari. No Sertão, são produtores do setor os municípios de Afrânio, Araripina, Bodocó, Dormentes, Exu, Ouricuri e Granito.

O atual estágio da pesquisa aplicada a soluções de problemas e incremento de produtividade no campo depende essencialmente de mão de obra qualificada e isso passa pelo oferecimento de bons cursos de graduação e pós-graduação nas universidades e centros de pesquisa instalados nessas regiões. “O apoio da Facepe na concessão de bolsas tem sido fundamental para manter o aluno matriculado nesses cursos oferecidos no Interior do estado”, analisa Nataniel que é também professor do Programa de pós-graduação em Agronomia – Produção Vegetal da Univasf.

Sobre as perspectivas para o desenvolvimento desta área do conhecimento no Brasil e em Pernambuco, Nataniel Franklin defende mais articulação com a iniciativa privada. “Isso é muito importante para o setor produtivo e a sociedade em geral se beneficiarem do conhecimento gerado para conservação e uso sustentável dos recursos naturais do nosso estado, deixando de ser reféns da tecnologia exclusivamente externa”.



O pesquisador da Embrapa Nataniel Franklin de Melo